

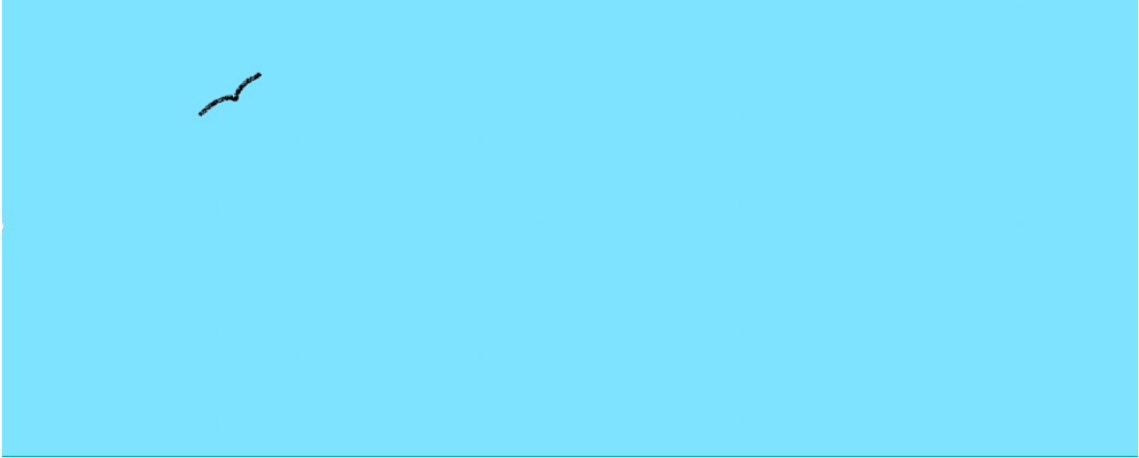
QUATRO ESTAÇÕES BEM DEFINIDAS





**OUTONO**

E aquele avião lá, se tu for pensar, soltinho no ar, olha só.



## TITANE

Vontade de parar, Ela até tinha, ainda mais assim em época triste de feriado. Por mais de 20 anos Ela está nessa mesma profissão, levando todos os dias todas as pessoas em seu táxi. Quando jovem, fora piloto profissional, competindo em autódromos de carros velozes e cabelos curtos. O prazer mesmo era o de estar atrás de um volante acelerando, freando, fazendo a curva sinuosa, ultrapassando outros carros e cruzando a linha de chegada. Bom mesmo era o tempo das corridas, duzentos quilômetros por hora.

Com Ela em seu táxi, todos os outros motoristas eram ruins, todos os outros motoristas incomparáveis. Assim que a luz verde acendeu, Ela acelerou o quanto pode, ultrapassou três carros e por último pôs-se à frente do motorista que tinha lhe feito cara feia. Passou raspando. Pelo espelho, Ela acompanhou a reação do homem incrédulo.

A música tocando no ritmo da aceleração tum tum tum, a sinaleira prestes a fechar, pé direito no fundo do acelerador, pé no ar, a curva mais fechada e em velocidade superior ao esperado, para a direita, pé no freio, o volante vira, as duas mãos, direita primeiro, esquerda depois, mão direita por cima da esquerda, a sensação de velocidade, a força G que empurra os frágeis corpos para o lado oposto. Soltar o volante, sentir ele correndo pelas mãos para voltar à posição que mantem o carro em linha reta, pé no ar, pé no acelerador, o solavanco do carro ao ser demandada aceleração rápida, a ultrapassagem no carro da frente. Prazer, puro prazer em sentir-se em comunhão com a máquina de quatro rodas. Os passageiros apavorados, o homem grita para que Ela pare com isso, que iriam morrer todos, maluca, maluca. Bom mesmo era o tempo das corridas, duzentos quilômetros por hora, as costas confortáveis, as ultrapassagens, as curvas, as luzes do feriado, a música tocando no ritmo da aceleração.  
Tum tum tum





**INVERNO**

Eu vou te atender de óculos Prada zero quilômetro.





O som da buzina rompeu a avenida ao meio.

Outra vez.

Ouviu-se um trovão. Ouviu-se o homem dizer que procurava pelo dono do carrinho que trancava a entrada da garagem. Os primeiros pingos caíram, depois os segundos e assim seguiram-se infinitamente até a chuva *torrenciar* o local.

É ele, é ele. Exclamou e apontou um deles sob a chuva. De fato, era ele sim. Do outro lado da rua vinha o homem de camiseta cinza. É esse, é esse. Diziam em coro. Apontavam como um único ser. O homem muito estranhou aquela revolta, onde pareciam fazer um corredor de ofensas em que o ponto final era o imenso homem que o esperava de braços cruzados. Sentiu um empurrão pelas costas e caiu. Estatelou-se em meio ao agora círculo de pessoas. Apontavam-lhe o dedo e cuspiam-lhe ofensas. O homem da caminhonete juntou-o como se fosse um boneco, trouxe para perto de seu rosto, disse que ali não era lugar de pôr lixo, que era uma garagem, falou da sua caminhonete, falou diversas coisas. O Papeleiro via apenas as gotas de chuva escorrendo pelo rosto vermelho de raiva do gigante.

Fizeram-no tirar o carrinho sob vaias e sob relâmpagos, e, olhando uma última vez para trás, via a multidão ajudando a caminhonete a manobrar. Olhou para a frente e seguiu empurrando o carrinho que, no dia de hoje, parecia estar ainda mais pesado do que o habitual. Todos os dias, o Papeleiro fazia o mesmo trajeto: caminhava de sua casa até o centro da cidade. No caminho de ida e volta, o Papeleiro passa por uma larga e movimentada avenida em forma de U. Começava em um ponto alto, descia e subia até o ponto alto novamente, sendo capaz de poupar forças para a subida enquanto não alcançava a metade do trajeto.

Não é preciso dizer que nos dias de chuva, tudo tornava-se um pouco mais difícil para o Papeleiro. A descida da avenida havia ido bem, sentia somente a chuva contra o peito. Deixou-se lavar por inteiro enquanto segurava firme o carrinho de papéis recicláveis para que não desandasse lombada abaixo. O Papeleiro empurrava o carrinho muito lentamente, concentrado, fazendo força para equilibrar tudo – se desistisse teria que parar na lombada, mas se parasse talvez não tivesse forças nem para subir nem para descer. Estaria preso no ponto mais baixo da avenida em U.

Pensou no rosto do Gigante da Caminhonete e, com isso, sentia o rosto quente como as mãos do homem em seu pescoço

Assim que vencera a lomba em U, o Papeleiro deu alguns passos e chegou em casa: uma marquise protegida da chuva. Colocou o carrinho ao lado, ajeitou dois pedaços de papelões para servirem de cama e tossiu forte.

Deitou a cabeça para olhar o movimento. Assistia as pessoas passando, seus casacos, seus guarda-chuvas. Pensava no gigante enquanto fechava os olhos. Sentia o corpo pesando toneladas. Adorreceu.

Sentiu uma mão sacudindo o seu ombro. Abriu os olhos e notou um dia estava ensolarado e convidativo, a partir de um sol forte e amarelo. No momento em que pôs-se de pé, o Papeleiro olhou para baixo e notou um corpo atirado entre os papelões.



Não debocha de mim porque quando a tua barriga roncou eu te ajudei várias vezes





**PRIMAVERA**

## AMANDA E O MAR

No exato momento em que o locutor anunciou o nome de Amanda, ela não conseguia crer no que estava acontecendo. Assim que todos os rostos tornaram para onde ela estava, Amanda se deu conta de que não era um sonho ou alguma alucinação, ela tinha vencido um sorteio pela primeira vez em toda sua vida. A roda girando, diversos nomes enrolados em bolinhas de plástico, as ajudantes demonstrando estarem ansiosas, o locutor gritando palavras desconexas de incentivo. As bolinhas giravam, giravam, giravam dentro do globo, os segundos transformavam-se em horas de ansiedade. Amanda viu a bolinha de plástico branca sair de lá, o locutor fez mistério, contou piadas, o tempo estava parado no segundo em que ele abria a sua boca e aproximava o microfone. Amanda, ele anunciou. Amanda, as pessoas em volta gritavam. Ela estava há tempo demasiado revendo a cena mentalmente e tinha esquecido de levantar para buscar o tíquete da viagem. Antes de chegar no palco, um enorme pôster desceu do teto, logo atrás do locutor, com uma gigantesca imagem de uma praia. Amanda nunca tinha ido para uma praia.

Em quatro horas de viagem em um ônibus velho, Amanda teve tempo suficiente de idealizar como seria sentir a areia pela primeira vez, os grãos seriam visíveis? Ou invisíveis a ponto de apenas notarmos quando juntos em quantidades exorbitantes? Fazia isso enquanto olhava para o tíquete da viagem. Amanda sequer ouvia a bagunça que tomava conta do ônibus, as outras pessoas da excursão batucavam, cantavam e brincavam. Pareciam mais felizes do que Amanda, mesmo que a única que estivesse viajando de graça ali fosse ela. O tíquete era azul e continha uma grande imagem de uma praia provavelmente fictícia. Ela admirava aquele cartão feito de um papel de pouca qualidade. O nome escrito no verso Amanda. A-M-A-N-D-A assim em letra separada, escrito às pressas por uma das atendentes do sorteio, deixava o bilhete ainda mais bonito. Amanda, que no caso era ela mesma, iria ver a praia. As janelas abertas ao máximo pelos viajantes, a certa altura, deixaram com que um cheiro completamente novo entrasse no ônibus. O cheiro tinha gosto e também parecia ter cor. Um tom amarelado, mais para o escuro, uma mistura de água e terra, mas diferente daquele que Amanda já sentira quando chovia na grama de algum jardim. Era um cheiro novo. Sentiu-se estranha, o cheiro causava incômodo, o ônibus balançava, os colegas de excursão balburdiavam, o cheiro amarelo-escuro, a gritaria, crianças choravam, o ônibus sacodia-se inteiro, o cheiro cada vez ficava mais e mais amarelo. Ficava mais e mais amarelo-forte. Amanda abriu o pacote de lanches e vomitou.

Ao levantar novamente a cabeça, a praia enfim apresentava-se diante dos negros olhos de Amanda que surpreendeu-se, no entanto, para sua surpresa, não com a areia, mas sim o mar. A areia funcionava como um imenso tapete vermelho que leva os convidados para a premiação final. A noite de gala de Amanda havia chegado e seu vestido era um maiô emprestado pela chefe que também tinha feito o favor de liberá-la de trabalhar naquele dia de viagem. Amanda teria de voltar no mesmo. Ela sentia a incrível sensação de caminhar sob aquela superfície pela primeira vez. Pensou que a areia pudesse não pertencer a este mundo, que fosse algo alienígena, era tão esquisito sentir os grãos por entre os dedos dos pés. Ora fofa, ora dura, tropicava por entre os morrinhos, tinha medo de torcer o pé e acabar com a viagem por ali mesmo. Amanda não queria virar a chacota de ninguém e, naquele momento, Amanda queria apenas tocar no mar ou poder guardar numa fotografia aquilo que os seus olhos viam.

Caminhou na areia, sentia o tempo desacelerar conforme os passos, sentia-se uma bolinha de plástico numa roleta de sorteio. Lembrava da cena, como as bolinhas giravam de modo lento, como os seus passos moviam-se em câmera lenta pela areia, como seria obrigada a deixar a sua cidade pela primeira vez. A bolinha parecia que não seria sorteada nunca, o mar parecia que não chegaria nunca. Como era lindo o mar. Azul. Aquela cor Amanda jamais havia pensado que pudesse existir. As ondas vinham de longe, lá de onde podia-se ver a ilhazinha, vinham, vinham, vinham, chegavam, cresciam, arrebentavam. Um ciclo que não terminava para a visão desacostumada de Amanda. Talvez a mulher estivesse hipnotizada pelas ondas que não paravam de nascer e morrer logo ali diante dos seus olhos. Os pés não mais tocavam a areia fofa que fazia tropeçar, agora tocavam na areia dura levemente úmida regada pela salgada água de minutos em minutos. Que sensação era aquela. Tocar numa areia firme, sentir o gelado da água só de estar próxima. Amanda sentia frio. O sol estava forte, mas mesmo assim o vento que soprava do oceano fazia com que ela tivesse arrepios. Tentava enterrar os pés na areia. Um pé por cima do outro, parecia ter vergonha do mar. A água gelada fazia com que tivesse medo, pensou em voltar, olhou para trás, todos da excursão amontoados na areia, arrumando guarda-sóis, estendendo toalhas. Virou a cabeça para frente e viu a cena mais linda que veria em vida: o barquinho, no fundo do horizonte, lutava para vencer e curvar a ilha. Era um ponto amadeirado no meio da imensidão azul, Amanda sentiu como se quisesse ser aquele barquinho flutuando perdido em alto mar, além das preocupações do arrebentar das ondas.

A onda pequena da beira chegava aos poucos, Amanda sentia receio, não sabia a força, se seria capaz de derrubá-la ou não. Dessas coisas de mar não sabia nada. Conforme a onda se aproximava, Amanda corria um pouco mais em direção à areia fofa e segura. E assim ela ficou por alguns minutos, fugia da água toda vez que essa se aproximava muito perto de cobrir seus pés. Respirou, sentiu o calor do sol nas suas costas, encorajou-se por inteiro. Um passo, dois e ela enfim estava com os pés mergulhados. Para sua surpresa, o mar afinal não era azul, mas sim transparente. Os pés podiam ser vistos por inteiro pelos olhos atentos. Notava como ficavam pés grandes assim dentro d'água. Um pé fora, pequeno, pé dentro d'água, enorme. Divertia-se mesmo que estivesse passando frio com o vento que tocava os ossinhos dos tornozelos que estavam molhados, mas não submersos. Riu por minutos olhando a diferença de tamanho dos objetos submersos. Iniciou passos mais corajosos, abria os braços como um equilibrista sobre um precipício. Vista de longe, Amanda também poderia lembrar uma criança dando os primeiros andares. A cada novo centímetro de pele tocado pela água fria, um novo arrepio no corpo de Amanda. Ela pensava no dia que tinha sentido mais frio na vida e comparava com o momento em que estava, lembrava também da vida, a infância, os poros arrepiados, teve um baque quando notou que a água já havia coberto sua cintura. Amanda olhou para trás, a praia já estava longe.

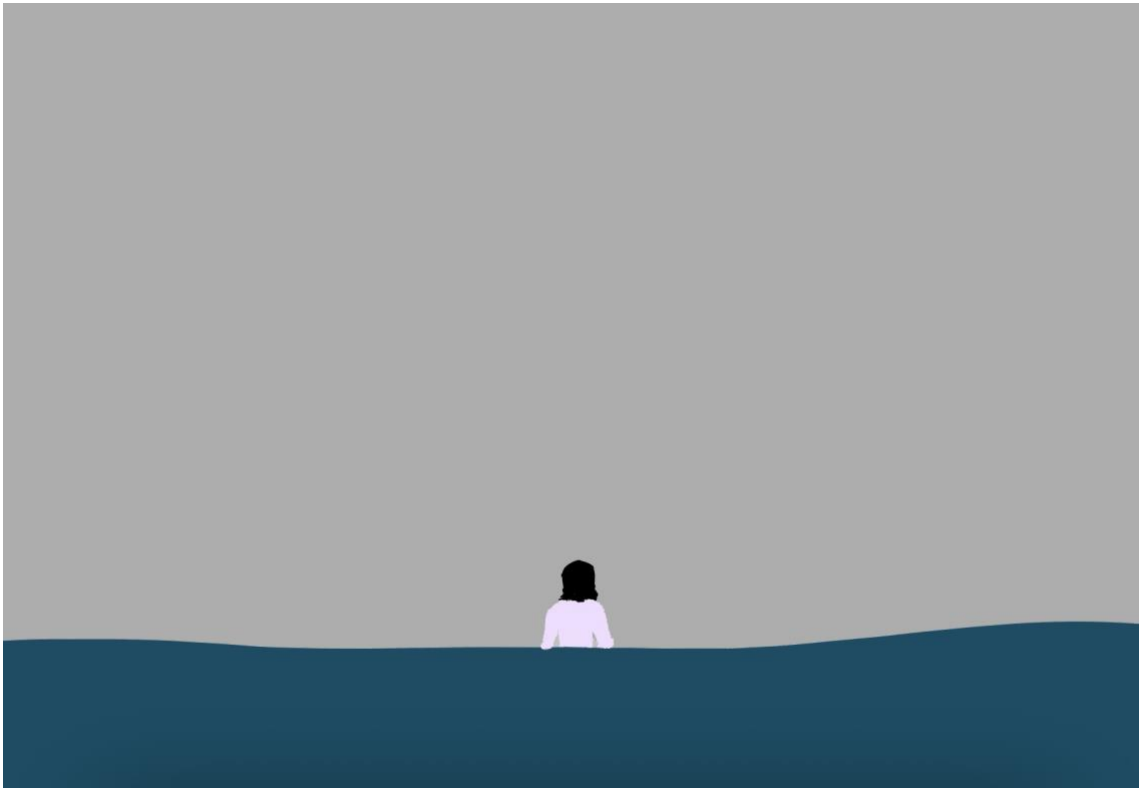
Amanda mergulha os pulsos, sente cosquinhas, como se os batimentos cardíacos pudessem ser sentidos latejando nas veias quentes que agora mergulhavam na água gelada. Amanda talvez estivesse apaixonada pelo mar. O sol sumia na mesma proporção em que Amanda atrevia-se a ir mais e mais para o fundo. Tropicava por entre as conchas que formavam o fundo do mar, por entre as imperfeições do relevo aquático. O sol desaparecia por inteiro. O corpo de Amanda está submerso quase por inteiro, exceto pela face e pelos ombros. As ondas nessa profundidade vinham calmas e faziam com que Amanda tivesse que dar apenas um pulinho para ultrapassá-las sem molhar o rosto. Durava não mais do que um ou dois segundos, mas, durante esse pulo, Amanda sentia que flutuava, sentia-se uma astronauta capaz de salvar a missão espacial indo de pulinhos em pulinhos à torre de comando.

Os banhistas haviam abandonado a água, o tempo havia nublado e a tempestade vinha por detrás da ilha que enfeitava o cartão postal. As pessoas da excursão de Amanda deram pela falta da mulher, alguns amontoaram-se na beira da praia gritando para que voltasse, que a tempestade já chegava, que o ônibus talvez partisse, um mais atento notou que



Amanda estava muito no fundo, a plenos pulmões diziam para que pelo menos viesse um pouco mais para o raso. Amanda não viria. Amanda não escutava. Sem notar, Amanda havia ficado sozinha na imensidão azul do mar. Era apenas ela e a água salgada que a cercava como num abraço. Ela estava amando aquela sensação de ser abraçada pelo mar. A cor, o som, o gelado da água que antes lhe dava arrepios agora lhe faz massagem por todo o corpo. Amanda não tinha expectativas de viver na sua existência um momento para poder chamar de melhor momento da sua vida, mas, caso tivesse tal desejo, essa fração de segundo possivelmente seria a escolhida. Amanda lembra da rotina na cidade, lembra da chefe bufando porque havia perdido o sorteio, lembra das colegas rindo, lembra do que lhe falavam todos os dias, lembra de não ter tido um amor, lembra de nunca querer ter tido um amor, sentia saudades do cheiro do travesseiro que roubava do quarto da mãe quando criança.

O mar parecia cantar no seu ouvido uma melodia calma, uma voz leve e um balancear de ondas que tornavam os pulinhos cada vez mais difíceis, o mar parecia dizer que nada iria machucá-la ali. Amanda deixa-se levar, a ilha, a nuvem cinza, os sons, a água que lhe tirava o peso e murchava-lhe os dedos, o sal na sua boca, olhou em volta, não viu nada além de azul, o barquinho já havia sumido, talvez o barquinho agora fosse ela mesma. Amanda caminhou um pouco, sentia os passos lhe faltarem, sentia que o pescoço não podia espichar mais do que já estava. Assim olhando para o céu, via a água tocar no seu queixo, sentia o mar abraçando seu rosto, sentiu cosquinhas no nariz conforme a água se aproximava, deixou-se ter os lábios cobertos pelo mar, Amanda pela primeira vez estava sendo beijada. As orelhas inundadas pela água faziam pressão e um som lindo, sentia-se parte de tudo aquilo, sentia que vivera todos esses anos para que pudesse reconhecer-se nesse momento. Não queria voltar para o ônibus, para a vida de antes, Amanda só queria voltar para o mar mesmo que ainda estivesse nele, queria sentir o mar por todos os segundos de sua vida. Quando não viu mais forma de sair dali, fechou os olhos e deixou com que o rosto caísse para dentro da água. O mar assim quando te abraça, parece que nunca mais vai te soltar, e ele não mais soltou Amanda.





**VERÃO**

## MONT-BLANC

Raul, 52 anos, esteve trabalhando nos últimos meses na limpeza do Shopping Mont-Blanc. Óculos grossos, cabelos grisalhos, mãos com calos, e pele muito bronzeada – mesmo que no mais alto dos shoppings, o Mont-Blanc, luz solar fosse rara e o frio condicionado.

- Mo Blã - disseram seus superiores no primeiro dia de trabalho – pronuncia-se mo blã.

Raul é um desses tipos baixinhos que encontramos em muitos dos zeladores, também veste o seu uniforme cinza e se camufla entre o varrer e o limpar manchas pretas de calçados no brilhante piso do mo blã. Certa vez, seu filho mais velho fora pagar contas no mo blã e passara por seu pai.

- Corcunda desse jeito de cabeça no chão não tinha como eu te reconhecer pai. – Justificou o filho.

No dia de hoje houve a casualidade de dois dos faxineiros do estacionamento térreo faltarem, causando um bafafá pelos corredores do mo blã. Antes das nove da manhã a gerência lançou um plano emergencial para o dia: Raul estava escalado para cuidar da limpeza no estacionamento naquele dia.

-Pelo amor de deus hein Raul, varre aquele lugar todo, nem uma poeirinha que eu não quero arranhão nas naves da clientela. Ouviu? Olha para mim bicho, parece que tá morto sempre. No meu olho, eu gosto de que me olhem no olho que nem homem. Entendeu? Só faz o que você só sabe fazer e varre tudo para o lado de fora. – Esbravejou um dos superiores da segurança e limpeza do mo blã.

-Tá bem. – Inspirou expirou Raul.

Quando Raul saiu pelas mágicas portas que abrem sozinhas, ele sentiu o calor úmido que o esperava no abafado térreo do estacionamento. E foi sob essas condições que Raul varreu uma, duas, três, quatro, pausa para o almoço, cinco, seis, sete horas. “Que bom trabalho eu fiz” pensava consigo mesmo Raul. Não era mais apenas um faxineiro de shopping, mas agora também de estacionamento.

- Que bagunça é essa aqui Raul? Tá maluco?! – Vinha furioso o chefe – Tá tudo sujo, tu tá querendo me derrubar Raul?

- Vem cá que eu vou te mostrar como fazer o teu trabalho. – Falou o chefe enquanto agarrava o braço de Raul.

-Tá vendo ali, olha a crosta de sujeira no chão, bem onde para o carro dos clientes, Raul, limpa lá de uma vez, vou ficar aqui te esperando.

De fato, a região da cancela, onde os carros param, abrem o vidro, inserem o ticket de estacionamento para habilitar a saída, estava suja. No entanto, Raul não cogitou a limpeza daquele local, afinal, logo em frente, já há o lado externo do mo blã.

-Vai, Raul Vai logo pra lá!

Assim que se aproximou, um carro também vinha vindo para utilizar-se da cancela, fazendo com que Raul hesitasse quanto à limpeza.

-Para, Raul! Vem para cá! – Correu o chefe em direção à cancela – A senhora me desculpe, ele é novo aqui no estacionamento, por favor, pode inserir o ticket e boa viagem para casa. O grupo mo blã agradece a visita.

Raul retornou para a posição inicial, passos distantes da cancela e ficou mirando o chão, parado, esperando a volta do chefe.

-Cacete Raul, você tem que esperar o cliente usar a cancela para só depois, quando não vier nenhum carro, você limpar o negócio. Não pode deixar o cliente esperando para você fazer a limpeza. – Raul escutou com atenção afinal era o chefe que estava falando. Neste momento fazia tanto calor que Raul imaginava um gelo correndo pelas suas costas ou um imenso ventilador bem no seu rosto. Raul era feliz trabalhando dentro do shopping.

-Você não tinha outra profissão mesmo né Raul, tá sempre olhando pro chão. O que não faz sentido é tu ser tão ruim mesmo que pareça estar sempre procurando por sujeira para limpar.

Raul tornou a cabeça para a cancela e rumou de novo para lá. Quando chegou perto, outro carro vinha vindo para sair do mo blã. Raul como de impulso voltou o passo para onde estava o chefe.

-Tá com medo do carro Raul?

Raul não tinha medo de carros, mas também não era íntimo, não sabia muito bem até que ponto podia se aproximar do motor, se era quente, se não iria atrapalhar o motorista. Em

hipótese alguma gostaria de atrapalhar os clientes. Não sabia dirigir, e poucas foram as vezes em que entrou em um carro.

Novamente foi Raul, sua vassoura e seu balde, e lá vinha outro carro. Mais um carro, passou. O chefe impacientava-se. O carro vinha mais rápido do que o normal, Raul congelou, o carro freou em tempo e o motorista falou de dentro do veículo:

-Pode sair da frente?

Raul não respondeu, juntou o balde e caminhou um pouco para o lado. Sentia a língua como uma imensa pedra gelada e a pressão baixa que, além das mãos tremulas, também deixava a visão turva. O carro passou. O chefe gritou:

-Meu deus Raul você é burro, é burro mesmo. Me dá a tua vassoura que eu faço no teu lugar.

O chefe veio vindo na direção de Raul com a mão esticada pedindo a vassoura, um carro na outra direção também vinha e Raul estava ali, no meio, na frente da cancela, com a vassoura na mão, o balde na outra, o suor na testa nos braços, nas costas, nos pés, na virilha. O carro parou na sua frente, o chefe chegou ao seu lado.

-Me dá Raul.

Béeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeee. Buzinou o carro.

-Me dá logo Raul, sai da frente, pelo amor de deus.

Raul sentiu que as mãos trêmulas firmaram e a visão turva obteve o foco necessário para o acontecimento seguinte.

Béeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeee.

Raul agarrou a vassoura com toda a força que podia ter, alçou ao ar, deu dois passos, e desceu como um raio, arrebentando o para brisas do carro. O vidro trincou em mil pedaços. Com o balde cheio de água pútrida, Raul virou-se para o chefe e jogou tudo que tinha ali dentro, todos os dejetos que ele havia acumulado naquele dia de sol fervente, no rosto do superior.

-Tá maluco, porra?! Volta aqui Raul, eu vou te mostrar uma coisa, seu filho da mãe. Eu vou mandar te demitir. Eu vou falar para o concelho, tu tá fodido, Raul, fodido ouviu?! Eu vou te matar.. Não aparece mais aqui no Mont-Blanc!

Raul, que já estava na calçada externa, olhou no rosto do chefe e disse:

-É mo blã, a pronúncia é mo blã.

Naquela noite, Raul sonhou que era o melhor zelador de estacionamentos do mundo.

